

Vozes poéticas ecoadas por mulheres negras brasileiras: uma antologia de Jarid Arraes

Angelo Cardoso Sá*

Resumo

No âmbito das produções de autoria feminina, procurou-se por compilações de poemas brasileiros escritos por mulheres negras; nessa busca, encontrou-se a obra *Poetas negras brasileiras: uma antologia*, organizada por Jarid Arraes, no ano de 2021. Discorre-se, neste trabalho, acerca das vozes poéticas que constituem os 74 poemas da antologia mencionada. Esses textos são de autoras com idades diversas e que vivem em diferentes estados brasileiros. A pluralidade expressa em cada eu poético permite afirmar que, mesmo identificando implicitamente uma constante apontando para o gênero e para a cor da pele, os poemas enunciam os muitos jeitos de ser mulher. A partir da leitura do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, inserido no início da obra, observou-se o desejo de romper com a condição imposta às mulheres por muitas gerações, fazendo valer a liberdade conquistada. Assim, aspectos como ancestralidade, corpo, orientação sexual, divindades brasileiras ou aquelas conhecidas por intermédio dos povos africanos compõem os diálogos entre os poemas da antologia. Nessa linha de raciocínio, percebeu-se que mulheres negras leem mulheres negras, estabelecem diálogos entre textos por meio do ato da escrita e, conseqüentemente, também produzem literatura brasileira. Por fim, identificou-se a ausência de poemas enviados por poetisas de alguns estados brasileiros, no entanto, considerou-se o fato de que a antologia contempla uma amostra de textos e que essa ausência não diminui a potência do eco ressoado pelas vozes poéticas reunidas no livro.

Palavras-chave: antologia poética; autoria negra feminina; Jarid Arraes; poesia negro-brasileira.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas/Bolsista FAPEMIG).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8014-9803>.

Poetic voices echoed by black brazilian women: an anthology by Jarid Arraes

Abstract

Within the scope of female authorship productions, compilations of brazilian poems written by black women were sought, in this search the work *Poetas negras brasileiras: uma antologia* was found, organized by Jarid Arraes in the year 2021. work on the poetic voices that make up the 74 poems of the aforementioned anthology, these texts are by authors of different ages and who live in different brazilian states. The plurality expressed in each poetic self allows us to state that, even implicitly identifying a constant pointing to gender and skin color, the poems enunciate the many ways of being a woman. From the reading of the poem “Vozes-mulheres”, by Conceição Evaristo, inserted at the beginning of the work, it was observed the desire to break with the racist condition imposed on women for many generations, asserting the freedom conquered. Thus, aspects such as ancestry, body, sexual orientation, brazilian deities or those known through african peoples make up the dialogues between the poems in the anthology. In this line of reasoning, it was noticed that black women read black women, establish dialogues between texts through the act of writing and, consequently, also produce brazilian literature. Finally, the absence of poems sent by poets from some brazilian states was identified, however, the fact that the anthology includes a sample of texts and that this absence does not diminish the power of the echo resonated by the poetic voices gathered in the book.

Keywords: poetic anthology; black female authorship; Jarid Arraes; black-brazilian poetry.

Considerações iniciais

[...] mulheres negras escrevem e não cabem em apenas uma categoria temática. [...] curadores que não incluem mulheres negras em seus eventos literários precisam ampliar seus repertórios. Mulheres negras escritoras existem, insistem e resistem. (ARRAES, 2021a, p. 10).

No Brasil, essa história inventada que não incluiu indígenas e negros, urgentemente, precisa ser repensada por meio do retorno à ancestralidade (KAMBIWÁ, 2022).¹ A imposição dos colonizadores sobre os povos colonizados produziu um histórico de segregação tanto para os nativos quanto para os negros africanos trazidos como escravos ao Brasil. Com a chegada dos portugueses às terras brasileiras, a partir do século XVI, instaurou-se uma época violenta e opressora, principalmente para as mulheres. Inúmeros casos de estupro de índias ocorreram. Em seguida, na sociedade escravocrata, negras foram obrigadas a cuidar da casa e dos filhos de seus senhores. Muitas delas exerceram as funções de amas de leite e/ou sofreram com a exploração sexual de seus corpos, sendo consideradas objeto sexual e parideiras de futuros escravos. Passados alguns séculos, com a abolição da escravatura e a criação de leis, as pessoas negras puderam reivindicar a inserção delas no convívio social.

Assim, da necessidade de descartar o passado, combater o presente e construir o futuro, necessariamente em razão de alcançar uma reparação histórica efetiva, o combate ao machismo e ao racismo representa a ação de reafirmar que o posicionamento de superioridade masculina, inferiorizando as competências femininas, desde sempre esteve errado. Nos séculos XIX e XX, por exemplo, mulheres precisaram se disfarçar, utilizando pseudônimos, para conseguirem publicar os seus escritos. Na conjuntura da produção escrita por autoras negras, notam-se discussões de temas tais como as consequências do patriarcado, a dimensão da ancestralidade e a materialidade utilizada para fomentar o ato da escrita. Isso posto, neste trabalho, escolheu-se tratar da questão de vozes poéticas produzidas por

1 Discurso espontâneo proferido por Avelin Buniacá Kambiwa no momento de Conversação com Conceição Evaristo e Ailton Krenak, durante o 15º Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua de Belo Horizonte – FIT BH, Belo Horizonte, 05 nov. 2022.

mulheres. Mais especificamente com o livro *Poetas negras brasileiras: uma antologia*, organizado por Jarid Arraes, publicado pela Editora de Cultura,² em 2021.

Rocha e Azevedo Júnior (2019, p. 133), após analisarem os cordéis produzidos por Jarid Arraes, concluíram que ela: “[...] é porta-voz de tantas mulheres negras, por vezes esquecidas, que marcaram a história afro-brasileira, trazendo para a literatura brasileira [...] a saga dos excluídos, dos (in)visíveis, tanto na questão de gênero quanto racial”. Conforme os autores, nas produções de Arraes são notórias a afirmação de ancestralidade, a resistência em relação ao silenciamento de vozes, a exatidão quanto à construção de identidade. No que concerne à produção oral e/ou escrita de mulheres negras, Bernd (2010) explicou que, no Brasil, deu-se início às discussões para melhor compreender sobre uma literatura voltada a um eu que se identifica como negro, notadamente, na década de 1970. Para a pesquisadora:

De acordo com estudos realizados por diversos autores teóricos [...], é possível afirmar que a literatura negra ou afro-brasileira apresenta especificidades, entre as quais:

- a) a temática dominante é o negro na sociedade, o resgate de sua memória, tradições, religiões, cultura e a denúncia contra o drama da marginalidade do negro na sociedade brasileira, devido, sobretudo, à persistência de diferentes formas de preconceito;
- b) o ponto de vista é o do negro que emerge no poema como o eu enunciador, assumindo as rédeas de sua enunciação;
- c) a linguagem possui vocabulário próprio associado à oralidade da cultura negra;
- d) o imaginário corresponde ao conjunto de representações que as comunidades negras constroem sobre si mesmas e mediante as quais se opera a paulatina construção identitária. (BERND, 2010, p. 32).

Dessa maneira, interpreta-se que a Literatura negra ou afro-brasileira alcançou destaque após essa postura de identificação por intermédio daquele que fala de si, assumindo certa posição para representar a comunidade da qual faz parte e tem orgulho de pertencer. Bernd (2010)

2 A obra, composta por um diversificado conselho de mulheres negras, indígenas, asiáticas, LGBTQ, entre outras, recebeu o selo Ferina - com contribuições de Jarid Arraes e da editora Lizandra Magon de Almeida.

acrescentou que, anteriormente, a causa geracional pautava-se em histórias orais, contadas pelas mães às suas filhas; posteriormente, as mulheres se apossaram também da escrita para destacar aspectos perpassados pela genealogia afrodescendente. Por conseguinte, compreende-se que a autoria feminina negra carrega em si dois pontos importantes, a questão do gênero e do preconceito racial, vinculados ao corpo, ao autocuidado e à autoestima. Do ponto de vista temático, em *Poetas negras brasileiras: uma antologia*, observam-se poemas que apresentam mães negras, as quais por razão de sobrevivência, impediram que seus filhos pudessem nascer:

[...]

procuravam Dita com a missão de tirar da barriga

o peso que depois moraria nos braços

“onde come um come dois”

e onde ninguém come?

toma decisão como pode

toma decisão como dá

[...]

(CHIOMA, 2021, p. 22).

Ou ainda, por aquelas “[...] mãos que cuidaram o que/não pariu [...]” (CASTRO, 2021, p. 25), revelando uma condição humana sacrificial em favor dos que pertencem ao seu núcleo familiar. Cita-se novamente Bernd (2010) pelo fato de a autora perceber, em Miriam Alves, Leda Maria Martins e Conceição Evaristo, a memória histórica e a memória familiar erguidas sobre as bases firmes da condição cidadã e da sabedoria herdada das gerações antepassadas. É da lida diária, do barulho dos ônibus nos grandes centros urbanos, da calma dos lugares mais afastados, da periferia ou da zona rural, do som do terreiro e dos batuques, da devoção, do apego ao bem, da simpatia e das poções, do coração partido, do amor proibido, da irreverência aos olhares contrários, que vem a inspiração poética. Em determinados textos, poetas se amparam em aspectos que ressoam na história, na religiosidade, na crítica social e se apegam à memória para unirem diferentes espaços geográficos, revivendo, por exemplo, ritos e práticas religiosas:

[...]

Descongele o olhar daquele policial,
que, supondo-se autoridade máxima,
deixa em migalhas sua dignidade,
aqueça o ódio em seu coração,
mas no quarto escuro agradeça,
em orações, pelo tiro que,
sendo suspeito ou não,
você não levou.

Por último,
coloque dentro de um algarizar
humilhações, pessimismo, migalhas da dignidade,
tempere com dendê e amasse até virar farofa
decore com sete pimentas vermelhas
num sagrado ritual
sirva na encruza para cada um,
o homem da cruz, Maria Padilha e Exu,
saborear (RIBEIRO, 2021, p. 40-41).

Souza (2017), empenhada em discorrer sobre escritoras negras, observou que os poemas redigidos por elas contemplam a vivência própria em busca de estabelecer proporção na interseccionalidade de fatores étnicos e raciais em relação ao gênero, à classe, entre outros. Caminhando cientes destas circunstâncias: “[...] Poetas negras buscam representar seus corpos fora dos enquadramentos racistas e sexistas, destacando o seu papel histórico na tessitura das relações familiares, sociais, econômicas e culturais” (SOUZA, 2017, p. 29).

Antologia, mulheres negras e vozes poéticas

Figura 1 - Ilustração produzida para compor o texto “Vozes poéticas ecoadas por mulheres negras brasileiras: uma antologia de Jarid Arraes”



Fonte: (BARBI, 2023).

A antologia *Poetas negras brasileiras* resultou da intenção de Jarid Arraes³ em apresentar a diversidade estética encontrada na autoria feminina negra de diferentes regiões do país. No texto de apresentação do livro, Arraes explicou que, no ano de 2019, após abrir uma chamada pública para receber contos e poemas, surpreendeu-se com dois contos e centenas de poemas recebidos, o que possibilitou que fizesse a compilação apenas de poemas. Fazem parte da antologia mulheres jovens, adultas e idosas, dos 18 aos 70 anos de idade, algumas delas já são referências em textos publicados e outras publicaram pela primeira vez. Dessas autoras, 10 são do Rio de Janeiro, duas da Paraíba, 14 da Bahia, 29 de São Paulo, seis de Minas Gerais, uma de Sergipe, sete do Ceará, três do Distrito Federal, uma de Pernambuco e uma do Rio Grande do Norte.

³ Autora de romance, cordelista e poeta, nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri, no estado do Ceará. (ARRAES, [2015?]).

Para melhor compreensão, com base no *Sumário* da antologia estudada, organizou-se a seguir uma lista com os nomes das autoras, os locais, as siglas dos estados onde residem e os títulos de seus poemas.

1. Conceição Evaristo – Maricá (RJ): “Vozes-mulheres”
2. Eliza Araújo – Campos dos Goytacazes (RJ): “[não-foto de momento humano]”
3. Georgia Ianka – Rio de Janeiro (RJ): “Mistérios da mata”
4. Jéssica Regina – Volta Redonda (RJ): “Todas as cores de preta”
5. Jhen Fontinelli – Cabo Frio (RJ): “O que diria dona Elzira?”
6. Juliana Berlim – Rio de Janeiro (RJ): “Terraplanismo”
7. Marina Farias – Nilópolis (RJ): “The words / wrote for you”
8. Silvia Barros – Niterói (RJ): “Poema datado”
9. Stella Almeida – Macaé (RJ): “E, se não for nós, não vai ser ninguém”
10. Thamires P. – Belford Roxo (RJ): “A rotina do poema”
11. Aline Cardoso – João Pessoa (PB): “Réquiem”
12. Débora Gil Pantaleão – João Pessoa (PB): “lesbianidades”
13. Ana Fátima – Salvador (BA): “Nas tramas da carapinha”
14. Camila Santana – Salvador (BA): “Aquosa”
15. Dayane Tosta – Salvador (BA): “excrecência”
16. Fabíola Cunha – Salvador (BA): “água não se encarcera”
17. Hilda França – Salvador (BA): “Marielle Franco – Retiro”
18. Jaisy Cardoso – Salvador (BA): “Ti”
19. Jovina Souza – Salvador (BA): “O amor no mundo”
20. Lorena Ribeiro – Salvador (BA): “Amuleto”
21. Mariana Madelinn – Salvador (BA): “Escura”
22. Nicole de Antunes – Salvador (BA): “Exílio”
23. Nina Maria – Santo Estêvão (BA): “Pítia, a sacerdotisa”
24. Nina Rizzi – Feira de Santana (BA): “estou numa lá-rause...”
25. Rebeca Victória Rocha – Salvador (BA): “sóu”
26. Tainah Cerqueira – Salvador (BA): “esse é o som”
27. Andrea Cristina Garcia – Ilhabela (SP): “Lave”
28. Benedita Lopes – São Bernardo do Campo (SP): “Canto de avós”
29. Bianca Gonçalves – São Paulo (SP): “linhagem”
30. Bianca Chioma – São Paulo (SP): “[a lenda]”
31. Carina Castro – Diadema (SP): “mãos que escreveram primeiro”

32. Catita – São Paulo (SP): “Na raça”
33. Cecília Floresta – São Paulo (SP): “nós outras”
34. Dandara Kuntê – São Paulo (SP): “Escritas Negras”
35. Esmeralda Ribeiro – São Paulo (SP): “Ritual de Ageum”
36. Evinha Eugênia – São Paulo (SP): “Sem Eira’s nem Beira’s
37. Fernanda Rodrigues – São Paulo (SP): “Ruído”
38. Gessica Borges – São Paulo (SP): “Diário de um golpe”
39. Giovanna Pina – São José dos Campos (SP): “Afrofuturismo é o meu corpo”
40. Isabela Alves – São Paulo (SP): “é no teu terreiro que eu danço”
41. Ivy de Lima – São Caetano do Sul (SP): “Pedido”
42. Jéssica Ferreira – Santo André (SP): “amor entre mulheres pretas cura”
43. Kiusam de Oliveira – Santo André (SP): “Corro”
44. Laís Santos – Jaboticabal (SP): “Tempos e caos”
45. Lubi Prates – São Paulo (SP): “condição: imigrante”
46. Maria Vitória – São Paulo (SP): “O vômito e as moscas”
47. Marília Casaro – São Paulo (SP): “Um dia no colo do mar”
48. Marli Aguiar – São Paulo (SP): “Da Potência de Nossa Escrita”
49. Mayara Ísis – São José do Rio Preto (SP): “Martelos”
50. Mel Duarte – São Paulo (SP): “De qual lado você luta?”
51. Natalia Amoreira – São Paulo (SP): “Diabo Velho”
52. Orleide Ferreira – São Paulo (SP): “Contas de miçanga”
53. Pétala Souza – Guarulhos (SP): “fractal”
54. Samantha Machado – São Paulo (SP): “Fundo do poço”
55. Zainne Lima da Silva – Taboão da Serra (SP): Lima da Silva
56. Andrezza Xavier – Belo Horizonte (MG): “O amor não põe mesa”
57. Juliana Gonçalves Tolentino – Belo Horizonte (MG): “Afago”
58. Lara de Paula Passos – Belo Horizonte (MG): “FormAção”
59. Laura Oliveira – Santa Luzia (MG): “amor da juventude”
60. Magna Oliveira – Belo Horizonte (MG): “Axé”
61. Mari Vieira – Minas Novas (MG): “Quando o poema não nasce”
62. Bruna Barros – Aracaju (SE): “tiscrevo”
63. Cassiane Nascimento – Fortaleza (CE): “Olhos que fogem”
64. Jarid Arraes – Juazeiro do Norte (CE): “Fábula”
65. Karla Alves – Juazeiro do Norte (CE): “Ventre de ocidente”
66. Ma Njanu – Fortaleza (CE): “Ilustração da anatomia de uma oyaci”

67. Maggie Paiva – Quixadá (CE): “Abençoadas lacunas”
68. Mika Andrade – Fortaleza (CE): “busca”
69. Thais Andrade – Fortaleza (CE): “TU”
70. Cristiane Sobral – Brasília (DF): “Restituição”
71. Maíra Luciana – Brasília (DF): “Meu corpo”
72. Tatiana Nascimento – Brasília (DF): “Oxum seduz Iansã, y se esconde nágua
73. Luna Vitrola – Paulista (PE): “O amor às vezes é isso”
74. Priscilla Rosa – Natal (RN): “[flashBLACK]”

Optou-se por iniciar essa lista com o nome de Conceição Evaristo, porque o poema “Vozes-mulheres”, de sua autoria, no livro organizado por Arraes (2021), está inserido entre o *Sumário* e a *Apresentação*, funcionando como uma epígrafe, justamente por contemplar a temática da ancestralidade:

“Vozes-mulheres”

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

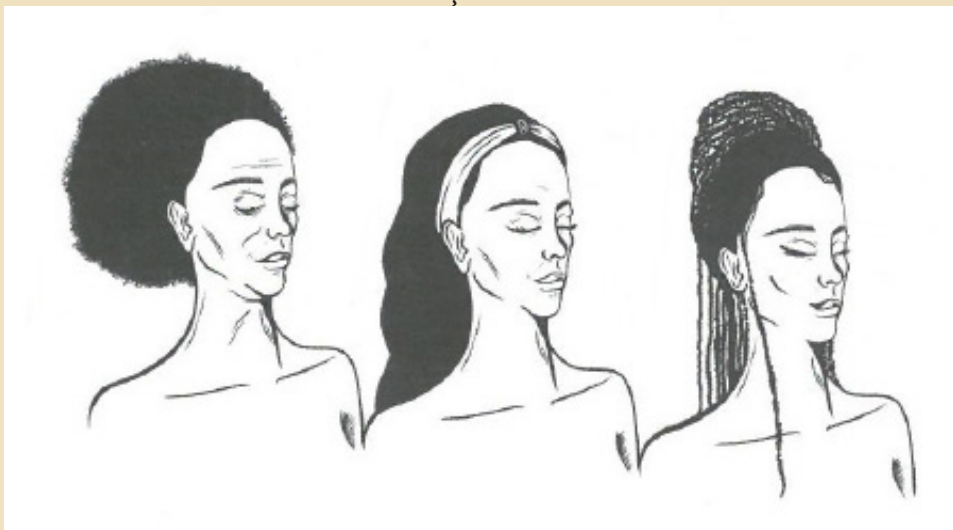
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos

com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem — o hoje — o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2021, p. 8-9).

Na antologia, esse poema é precedido por nome da autora, município e estado onde vive (Maricá, Rio de Janeiro) e é acompanhado por uma ilustração, Figura 2, que aparece abaixo da última estrofe. Da esquerda para a direita, em meio busto, depara-se com rostos muito semelhantes, provavelmente figurando uma mesma mulher em três fases distintas, a primeira, a idosa, a segunda, a adulta, e a terceira, a jovem.

Figura 2 - Ilustração que acompanha o poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo



Fonte: (ARRAES, 2021c, p. 9).

Essas mulheres foram representadas com suas marcas de expressão em preto e branco, permitindo ao leitor refletir acerca da idade delas. O cabelo é outro aspecto interessante, porque a idosa o tem para o alto, arredondado, não contido por um processo de alisamento; a adulta aparece com uma tiara num cabelo mais alongado, podendo ser até mesmo um aplique capilar. Já a jovem usa tranças e as usa como na atualidade, mostrando o seu estilo por meio de um coque metade preso, metade solto. Os olhos dessas mulheres estão fechados, dando a impressão de que fazem uma prece ou mentalizam algo. Nota-se que as sobrancelhas são idênticas, mas os cílios não, eles acompanham o processo de evolução, aparentando estarem mais alongados. Isso fica mais evidente na jovem, a qual parece estar com um traço delineado de maquiagem nos olhos. Por último, são observados os lábios mais grossos e a marcação de um sombreado entre as axilas e os seios, sinalizando o volume deles — características essas constitutivas da maioria dos fenótipos negros.

Antes de ter contato com os outros 73 poemas, levantou-se a seguinte hipótese de leitura: os substantivos “voz”, “bisavó”, “avó”, “mãe”, “filha” e “eco”, este último utilizado também na forma verbal, nos modos indicativo e imperativo, expressos respectivamente pelo verbo no pretérito perfeito “ecoou” e no presente do indicativo “ecoa”, dão o tom que enuncia o som da voz de cada mulher, poeta negra brasileira, projetado nos textos que integram o livro. É por isso que se justifica analisar, neste estudo, o poema “Vozes-mulheres”, dado que se identificou, nos textos da antologia, implicitamente, a essência criativa proposta pela voz poética nos três versos finais da última estrofe: “[...] Na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/o eco da vida-liberdade.” (EVARISTO, 2021, p. 8-9). Trata-se de uma liberdade expandida para expressar sentimentos, ser o que se é, falar acerca da ancestralidade, do mundo, da condição social, dos deuses orixás, do prazer, da cor da pele, do cabelo, sobretudo evidenciando a verossimilhança entre o eu poético e o eu não ficcional. Trata-se do eco da liberdade em diferentes gerações de escritoras, tal como se vê no poema de Conceição Evaristo.

No poema de Evaristo, os substantivos utilizados no título, “voz” e “mulher”, foram escritos no plural e receberam um hífen, formando o termo “vozes-mulheres”, em referência às falas femininas. São anunciadas, por intermédio do eu poético, cinco mulheres — a bisavó (1ª), a avó (2ª),

a mãe (3ª), a voz poética que apresenta as outras mulheres (4ª) e a filha (5ª). Infere-se que a bisavó foi uma criança escrava, assim como a avó da mulher que apresenta as outras de sua família. Sua mãe, liberta dos males de uma sociedade escravista, encontrou-se em estado revoltado, entretanto, sujeitou-se à precariedade do trabalho nas casas dos brancos. A voz poética lembrou do passado, porém expressou a sua fala em um tempo presente, externando perplexidade em decorrência de uma violência incorporada às balas perdidas, aos assassinatos ocorridos nas periferias e à fome que aflige os menos favorecidos socioeconomicamente.

Por sua vez, a filha avançará, representará superação e esperança, ainda mais que, desses passos lá de longe, durante a árdua caminhada, ela recolheu em si a fala e o ato para agir no agora. Essa filha gritará sem medo, se fará percebida, se fará ser ouvida, bradará tão alto, firme e forte, que ressoará um eco de liberdade de vida. Novamente, a junção de palavras ocorre e os substantivos “vida” e “liberdade” formam a expressão “vida-liberdade”, como acontece em “brancos-donos”, na segunda estrofe. Essa estratégia de construção de substantivos compostos reforça os sentidos das palavras e colabora para que os leitores redobrem a atenção para a mensagem emitida. O ciclo vital é contemplado nas palavras “criança”, “obediência” e “revolta” — escritas após o eco nas três primeiras estrofes. A criança corresponde à infância, a obediência demarca um período entre o fim da vida infantil e o início da adolescência, acrescido à revolta de ter que assumir obrigações da vida adulta.

Há uma estrofe dedicada a cada uma das cinco mulheres citadas anteriormente. Nessa orientação, o eco do som do lamento da bisavó, da avó e da mãe foi escutado: “nos porões do navio”, nas falas de objeção “aos brancos-donos de tudo”, nas canções entoadas “no fundo das cozinhas alheias”. (EVARISTO, 2021, p. 8). As palavras refletidas propagaram-se na voz poética dessa mãe para serem superadas, na escuta atenta pelos bons ouvidos de sua filha. Bernd (2010), referindo-se ao poema de Conceição Evaristo, chamou a atenção para a abordagem da maternidade e dos dramas vividos pela mulher negra desde os tempos em que povos africanos foram escravizados. Para a pesquisadora, no poema “Vozes-mulheres”, a autora trabalha com o sentimento de angústia, com a resistência, com o medo e com o receio da mulher escrava e seu(sua) filho(a) recém-nascido(a), pondo em realce a sabedoria e a experiência dos ancestrais. Traçando relações entre a

violência das senzalas e a realidade nas comunidades negras, as quais, na atualidade, precisam lutar contra o preconceito e a pobreza.

No que diz respeito ao poema de Evaristo operando como um texto de abertura da antologia, Oliveira (2021b, p. 1) destacou que: “Esse processo reflete a tomada de voz, a apropriação da escrita como uma forma de resistência a sistemas de opressão como o patriarcado, o racismo e toda espécie de preconceito e estereótipos.” Seguindo essa linha de raciocínio e considerando que, nos 74 poemas compilados por Jarid Arraes, há uma constante apontando para o gênero e para a cor da pele, pode-se afirmar que essa repetição, aludida como o som das vozes poéticas, evidencia a diversidade manifestada nos textos. Exemplo disso é o poema de Cecília Floresta, lésbica, e Débora Gil Pantaleão, bissexual. Esta última em “lesbianidades” e aquela em “nós outras”, inscrevem em seus poemas a condição da mulher lésbica. Portanto, mesmo que o gênero e o tom de pele aproximem as temáticas colocadas em pauta no livro, as trajetórias de vida, as subjetividades e as orientações sexuais revelam o quão diversificadas são essas vozes.

Nessa direção, percebe-se, em “Todas as cores de preta”, de Jéssica Regina, menção aos modos discriminatórios de se referir à mulher preta, principalmente aqueles que criticam sua aparência ou tentam atrelar rótulos pejorativos à expressão de sua fé ou ao seu local de origem. Jhen Fontinelli, com o poema “O que diria dona Elzira?”, cita o nome dessa matriarca para gerar reflexão sobre os casos de retrocessos em que negros voltaram a receber castigos em demonstrações racistas ocorridas pela suspeita de que aqueles jovens negros representavam perigo. Lara de Paula Passos, em “Formação”, faz surgir uma voz poética revoltada com os obstáculos a serem superados para adquirir formação acadêmica: “[...] Silenciar o que eu falo/Não me calo/Vão ter que engolir o meu TCC/Onde não tem agradecimentos a você. [...]”. (PASSOS, 2021, p. 70). Já o eu poético, em “condição: imigrante”, de Lubi Prates, descreve a experiência do estrangeiro como se estivesse sofrendo perseguição de um cão selvagem, selvageria essa já vivenciada em seu país de nascença e repetida onde se está agora. E o eco continua ressoando em Luna Vitrolira, em “O amor às vezes é isso” que dá forma ao tema da violência em um relacionamento amoroso: “[...] o amor às vezes é isso/uma panela de água fervendo/no rosto de alguém querido/às vezes esmola/às vezes migalha [...]”. (VITROLIRA, 2021, p. 78).

Destaca-se que, antes da produção de *Poetas negras brasileiras*: uma antologia, conforme Silva (2015), outros escritores negros no país conseguiram alcançar maior visibilidade nos anos de 1980 e 1990. O autor fez referência às edições periódicas dos *Cadernos negros*, aos esforços avaliativos em *Reflexões e criação crioula*, às antologias de Camargo e Colina, à circulação internacional e à crítica legitimada nacionalmente sobre essas realizações marginais. Moema Parente Augel (crítica literária) e Johannes Augel (tradutor) foram responsáveis, no ano de 1988, pela antologia bilíngue nas línguas portuguesa e alemã, *Poesia negra/Schwarze poesie*. Júlia Duboc, naquele mesmo ano, publicou *Pau de sebo*: coletânea de poesia negra. Passados quatro anos, Zilá Bernd organizou a obra *Poesia negra brasileira*: antologia. Miriam Alves e Carolyn R. Durham editaram, no ano de 1995, *Enfim nós” /Finally us*, coletânea com textos produzidos por mulheres negras brasileiras, nas edições em português e inglês, agregada a uma extensa crítica sobre a temática da obra. (SILVA, 2015).

Além disso, Silva (2015) salientou que, em 1995, sucedeu o projeto bilíngue de Charles Rowell pela revista norte-americana *Callaloo*, publicação da Universidade John Hopkins em número especial, composto de entrevistas, desenhos, estudos e textos de autores como Abdias do Nascimento, Arnaldo Xavier, Cuti, Éle Semog (pseudônimo de Luiz Carlos Amaral Gomes), Leda Martins, Miriam Alves, Paulo Colina, entre outros artistas engajados em conferir visibilidade ao material produzido por pessoas negras. Cuti (2010) advertiu sobre a importância dos termos usados para definir o que é literatura negro-brasileira e literatura africana, de acordo com o autor:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. [...]. (CUTI, 2010, p. 34).

Com base nesse apontamento, considera-se pertinente dizer literatura negro(a)-brasileiro(a) por causa da territorialidade. De fato, Cuti (2010) externou sua preocupação em combater o racismo brasileiro no espaço literário, defendendo que há um extenso material literário, produzido por pessoas negras brasileiras, que se constitui como parte da literatura do Brasil. Obviamente, existem diferenças de materialidade entre as literaturas brasileira e africana. O que não impede de as autoras negras brasileiras recuperarem em seus escritos aspectos culturais, religiosos e tradicionais de países africanos, porque a busca pela ancestralidade acaba revelando essa influência. Na antologia organizada por Arraes (2021), Dandara Kuntê, em “Escritas negras”, também faz esse movimento: “[...] de olho na gira/navega coração/[...] berimbau Angola/rasteira do tempo/rabo de arraia/malícia ancestral [...]”. (KUNTÊ, 2021, p. 33). Outras poetisas incorporaram aos seus textos diálogos com poemas conhecidos, como “O navio negreiro”, de Castro Alves.

O eu poético, em “Ventre de ocidente”, de Karla Alves, impulsiona a um pensar sobre os navios negreiros de hoje, os quais carregam aqueles que, por causa da fome, da doença ou da miséria, deixaram seus países de origem para tentar atravessar fronteiras e sobreviverem em outros locais. A forma também revela detalhes, Kiusam de Oliveira, em “Corro”, escreve um poema concreto. “A rotina do poema”, de Thamires P., relembra aos leitores que poetas são pessoas comuns e enfrentam dificuldades como qualquer outro indivíduo. “Da Potência de Nossa Escrita”, de Marli Aguiar, se tem acesso aos nomes de outras escritoras:

[...]

Do Quarto de Despejo de

Carolina Maria de Jesus.

[...]

Nos mergulhamos na Mareia

De Miriam Alves

Passeamos nos Becos e Memórias

De Conceição Evaristo,

Para reencontrarmos nas teorias

De Angela Davis,

E, assim, trazer as vozes

Das vozes de mil mulheres

Nas diversas literaturas.

[...]. (AGUIAR, 2021, p. 96-97).

A forma, os nomes de autoras e de suas produções se unem à voz poética em Marli Aguiar, anunciando que mulheres negras se leem e se identificam com os textos umas das outras; bem como em “Na raça”, de Catita, em que, de início, entre parênteses, a poeta destaca: “(*Inspirado por Miriam Alves*)” (CATITA, 2021, p.28). A pauta da espiritualidade, dos ritos e do eco se faz notar em “Fábula”: “[...] os pulsos marcados/pelos rosários [...]”. (ARRAES, 2021b, p. 55). No poema “amor entre mulheres pretas cura”: “[...] porque comigo ninguém pode [...] / espada de São Jorge / [...] porque arruda atrás da orelha defuma [...]”. (FERREIRA, 2021a, p. 56). Também em “Axé”, de Magna Oliveira: “[...] Axé para o preto / Axé para o povo nagô / Axé para o quilombo / Axé para saudar a todos.” (OLIVEIRA, 2021a, p. 83). E, ainda, em “Contas de miçanga”, de Orleide Ferreira, pois: “[...] Cada conta de miçanga / nesse colar majestoso / representa uma de nós / mulheres pretas de voz / Nossa voz que ecoa no mundo [...]”. (FERREIRA, 2021b, p. 109).

Ademais, verifica-se, junto à forma, temas que repercutiram nos meios de comunicação nacionais e internacionais, como “vidas negras importam”, o assassinato de uma travesti, o governo de Bolsonaro e outros. Aza Njeri, professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no texto de orelha do livro, fez menção a nomes reconhecidos (Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Jarid Arraes e Mel Duarte), para dizer que as vozes menos conhecidas não são enfraquecidas por estarem na mesma antologia. Então, em *Poetas negras brasileiras: uma antologia*, são escutados e lidos diálogos que empoderam e questionam acerca das verdades únicas, pondo à mostra uma poesia de autoria feminina negra pluriversal. (NJERI, 2021).

Considerações finais

A tarefa de reunir textos de diferentes autores em antologias está atrelada a uma responsabilidade assumida pelo antologista em listar,

selecionar e organizar um material considerado importante para ser lido. Essa ação, consequentemente, contribui para que leitores possam ter contato tanto com obras amplamente reconhecidas quanto com as que sinalizam a estreia de escritores. Neste estudo, ao escolher tratar da questão de vozes poéticas produzidas por mulheres negras brasileiras, observou-se, a partir da leitura dos poemas compilados por Jarid Arraes, a permanência de uma tradição que reafirma que mulheres negras leem os escritos de autoras negras e com eles se identificam. Elas também estabelecem diálogos por meio da produção de outros textos, considerando o aspecto da ancestralidade herdada dos povos africanos e dos negros brasileiros. Tradição essa, por exemplo, constituída por autoras tais como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Jarid Arraes.

Em *Poetas negras brasileiras*: uma antologia, percebe-se a presença de poetas estreantes, em número mais alto, reforçando o objetivo de Arraes (2021) de apresentar diferentes estilos e estéticas ao público. Na obra, infere-se que o corpo negro-feminino serve de materialidade para ressoar a pluralidade das diversas formas de ser mulher, em alguns casos, não optando pela maternidade, pelo casamento ou pelo relacionamento amoroso com um homem. Aliados aos efeitos estéticos e sociais, a forma e os temas dos poemas comunicam aos leitores os saberes das autoras em relação à estrutura e aos conteúdos trabalhados. Ressalta-se o fato de as antologias não conseguirem contemplar todos os textos de um autor ou de um grupo, obviamente, porque dessa finitude não se pôde reunir os poemas de todas as escritoras negras do Brasil.

Esse ponto merece mais atenção, porque, mesmo Arraes tendo aberto uma chamada e estendido prazos para receber os poemas de escritoras negras do país inteiro, não se encontram textos de todos os estados brasileiros. Dos poemas recebidos, constatarem-se em maior número poetas que vivem em São Paulo (SP) e enviaram os seus textos para serem publicados. Muito provavelmente, os 29 textos publicados estão relacionados ao fato de que esse estado é o mais populoso do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2021), considerando o dia 1º de julho de 2021, abaixo de SP, Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ), nessa ordem, também têm os maiores índices populacionais. No entanto, a hipótese de que, em estados mais populosos, existem mais poetas negras não se confirma em MG e no RJ, este com o

quantitativo de 10 poemas enviados e aquele com seis, uma vez que foram recebidos 14 textos do estado da Bahia. Contudo, a ausência de poemas de todos os estados brasileiros, na antologia estudada, não diminui a potência do som das vozes poéticas ecoadas, pelo contrário, essa amostra coopera para que se possa entender que a produção de mulheres negras faz parte da literatura brasileira.

Referências

AGUIAR, Marli. Da potência de nossa escrita. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 96-97.

ARRAES, Jarid (org.). Apresentação. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021a. p. 10-11.

ARRAES, Jarid. Fábula. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021b. p. 55.

ARRAES, Jarid (org.). Ilustração do poema “Vozes-mulheres”. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021c. p. 9.

ARRAES, Jarid. Mini Biografia. In: ARRAES, Jarid. *Jarid Arraes*. [S. l.]: [s. n.], [2015?]. Disponível em: <https://jaridarraes.com/biografia/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021d.

BARBI, Bruno. Ilustração produzida para o texto “Vozes poéticas ecoadas por negras brasileiras: uma antologia de Jarid Arraes”. Florianópolis, SC, 2023.

BERND, Zilá. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. *Via Atlântica*, [s. l.], v. 1, n. 18, p. 29-41, dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50737>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Governo Federal. População brasileira chega a 213, 3 milhões de habitantes, estima IBGE. [S. l.], 31 out. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/populacao-brasileira-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-estimaibge#:~:text=Entre%20as%20unidades%20da%20federa%C3%A7%C3%A3o,%2C%20com%2017%2C5%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CASTRO, Carina. Mãos que escreveram primeiro. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 25-26.

CATITA. Na raça. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 28-29.

CHIOMA, Bianca. [a lenda]. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 21-22.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 8-9.

FERREIRA, Jéssica. amor entre mulheres pretas cura. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021a. p. 56-57.

FERREIRA, Orleide. Contas de miçanga. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021b. p. 108-110.

KUNTÊ, Dandara. Escritas negras. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 33-34.

NJERI, Aza. Orelha do livro. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021.

OLIVEIRA, Magna. Axé. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021a. p. 83.

OLIVEIRA, Patrícia Anunciada de. Poetas em primeira pessoa – dando visibilidade à escrita de autoria negro-feminina. In: LITERAFRO. *Resenhas/Poesia/Jarid Arraes (org.) – Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo, dez. 2021b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1638-jarid-arraes-org-poetas-negras-brasileiras-uma-antologia>. Acesso em: 23 nov. 2022.

PASSOS, Lara de Paula. Formação. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 69-71.

RIBEIRO, Esmeralda. Ritual de Ageum. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 40-41.

ROCHA, Simone Maria da; AZEVEDO JÚNIOR, Manoel Bezerra de. Cordel como instrumento de ensino e reflexão: heroínas negras brasileiras na voz de Jarid Arraes. *Educação & Linguagem*, Aracati, ano 6, n. 2, p. 129-140, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.fvj.br/revista/revista-educacao-e-linguagem/edicoes/2019-2/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Por uma militância ativa da palavra: antologias, mostras, encontros e crítica sobre literatura negra, anos 1980. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 63, n. 2, p. 161-194, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/46706>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*, [s. l.], n. 20, p. 19-39, 2º sem. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317>. Acesso em: 21 dez. 2022.

VITROLIRA, Luna. O amor às vezes é isso. In: ARRAES, Jarid (org.). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. p. 78-79.